

A PROFESSORA FRANCESA NA FILA DOS COSTUMES

Não é possível se afirmar que o controle sanitário sobre os passageiros circulando no AIRJ era eficiente. O volume de passageiros e a insuficiência de pessoal das diferentes repartições responsáveis explicavam esta carência. Na prática, eram os funcionários da Polícia Federal e da Alfândega que primeiro abordavam os viajantes e decidiam quando chamar a turma da saúde para alguma inspeção.

Durante a epidemia africana do vírus Ebola, o noticiário antecedeu às diretrizes das autoridades sanitárias nacionais e internacionais de modo que por toda parte tomavam-se atitudes arbitrárias dependendo da interpretação local dos agentes públicos. A constante era o medo à doença. O que fazer com possíveis contatos? Quarentena, impedimento de desembarcar, expatriação? Mas, em primeiro lugar, como identificar possíveis transmissores da doença?

Faltavam orientações técnicas médico-sanitárias e valia o que cada um considerava como adequado.

Num voo internacional, vindo de Paris, na fila da liberação pela Imigração uma senhora foi barrada e detida para averiguações, pelo oficial da PF, que diligentemente solicitou à saúde pública que avaliasse o caso.

O inspetor sanitário, um médico, foi até o posto da PF. Ao chegar notou que havia uma agitação não usual. Encontrou a detida, uma senhora de meia idade, negra, com sobrepeso, vestida com o que parecia traje típico africano, muito colorido, turbante, malas e bolsa da “grife” francesa “Dior”, bem maquiada, boa pele. “Bonita, bem cuidada”, pensou o sanitarista. O agente da PF descreveu rapidamente o caso:

- Africana, provavelmente da zona do Ebola, todo cuidado é pouco.

A senhora, visivelmente contrariada reclamava efusivamente, em francês, do tratamento que recebia, mas ninguém entendia o que ela falava e por via das dúvidas parecia prudente tê-la detida.

Com o francês ginásiano do sanitarista foi possível destrinchar a questão.

Ela era, de fato, de origem africana, mas vivia há mais de 20 anos na França onde era doutora, professora de sociologia numa universidade local e fora convidada pela Universidade de São Paulo-USP para dar aulas numa de suas faculdades. Vinha num voo direto de Paris para o Rio de Janeiro com conexão para a cidade de São Paulo, onde a aguardavam. Por conta da detenção perdera o voo de conexão. Esclarecido isto, restavam as reclamações e impropérios que desferia contra a burocracia aduaneira e sanitária sendo que a palavra que mais usava e era entendida por todos era “racisme”.

No saguão de desembarque, por conta exatamente das notícias sobre o Ebola, ajuntavam-se jornalistas curiosos. O precavido sanitarista, antevendo o que poderia ocorrer com a notícia da detenção pela Polícia Federal, de uma doutora francesa, professora universitária, negra, por conta do Ebola, conseguiu que ela fosse liberada e, tentando acalmá-la, a conduziu até o balcão da companhia e explicou o ocorrido. Por

sorte havia um voo logo depois para São Paulo no qual ela foi confirmada. Por precaução a senhora esperou a chamada na sala do posto da vigilância sanitária que também providenciou o contato com o aeroporto de Guarulhos e com os que a aguardavam lá.

Assim, a senhora foi embarcada para seu destino mantendo sua queixa de “racisme” a qual o sanitarista cauteloso concordava plenamente.